



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11686 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

AUTOIDENTIFICAÇÃO ÉTNICO-RACIAL DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DE SÃO GONÇALO/RJ: O DESAFIO DE “TORNAR-SE NEGRO”

Tânia de Souza Fernandes - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Eneida da Silva Fiori - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

AUTOIDENTIFICAÇÃO ÉTNICO-RACIAL DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DE SÃO GONÇALO/RJ: O DESAFIO DE “TORNAR-SE NEGRO”

Palavras-chave: Racismo; Tornar-se negro; Currículo; Cotidiano escolar; *Bullying*.

Este trabalho problematiza a questão do autorreconhecimento étnico-racial a partir das percepções comunicadas por estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, numa escola estadual situada em São Gonçalo/RJ. Tais reflexões têm como base os resultados de um levantamento exploratório com eles realizado em setembro de 2018, quando uma das autoras lecionava língua portuguesa para a turma de alunos que constituiu o universo da pesquisa. A análise dos questionários revela que, embora possamos afirmar que os estudantes em pauta possuem, majoritariamente, características fenotípicas afro-brasileiras, isto não se evidencia na autoidentificação étnico-racial obtida no levantamento.

O contraste entre a nossa visão e a autopercepção dos estudantes impôs a

necessidade de entender melhor este aparente dilema, o que foi feito por imersão na literatura acadêmica que discute as peculiaridades do racismo, como se manifesta no Brasil. Tal imersão se faz importante por trazer subsídios que contribuem para entender-se porque, muitas vezes, pessoas que trazem em suas histórias pertencimentos afrodescendentes não se autoidentificam subjetivamente valorizando essas vinculações históricas e étnico-raciais.

Do ponto de vista do cotidiano escolar, o aprofundamento dessas reflexões importa para que sejam projetadas ações pedagógicas capazes de tematizar e problematizar as diversas formas pelas quais o "racismo à brasileira" pode se imiscuir nos modos de pensar, moldando autoconceitos que, de alguma maneira, terminam por reproduzir os valores e conceitos assimilacionistas, ou seja, que impõem a negação das histórias, culturas, memórias e estéticas negras, em prol dos padrões colonialistas dominantes.

De uma perspectiva teórica processualista, entendemos os fenômenos socioculturais como em permanente fluxo, e os processos de aprendizagem como produtores de contínuas transformações dos sujeitos e seus contextos (BARTH, 1995); fazendo compreender que os posicionamentos atuais dos estudantes em foco nesta pesquisa podem ser modificados por meio de intervenções pedagógicas que tragam para o chão da escola o diálogo com pessoas e grupos que assumem e valorizam publicamente identidades negras.

A literatura sobre o racismo no Brasil demonstra que a existência de posturas discriminatórias contra pessoas negras é escamoteada/negada, a partir da prevalência de uma suposta "democracia racial" em terras tupiniquins (NOGUEIRA, 2007; GOMES, 2007; MUNANGA, 2004; DA MATTA, 1997).

Ideais estéticos, culturais e econômicos característicos do 'mundo dos brancos' foram historicamente elevados a objetos de desejo a serem perseguidos pelas pessoas negras (bem como por pessoas de outros pertencimentos étnico-raciais), introjetando ideais assimilacionistas, na tentativa de diluir as próprias referências etno-históricas, em prol da aquisição de corpos e vidas que se aproximem do padrão imposto. Conforme Costa *apud* Souza (1983, p. 5), o assimilacionismo: "Pela repressão ou persuasão leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal".

Souza (1983) afirma, então, que não há um espelhamento automático entre os vínculos etno-históricos e a autoidentificação étnico-racial das pessoas afrodescendentes. Assim, uma autoidentificação pessoal que valoriza esses pertencimentos torna-se um posicionamento sociopolítico, que normalmente precisa ser construído em interações com os movimentos sociais e/ou pessoas que

protagonizam as causas da negritude no espaço público.

Bargas e Maia (2017), refletindo sobre comunidades quilombolas situadas no estado do Pará, trazem pistas para o entendimento da potencialidade das aprendizagens compartilhadas, aludindo que estas pistas surgiram pioneiramente no trabalho de Vygotsky, quando o autor elaborou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, apontando para as possibilidades de aprendizagem em aberto para cada pessoa, desde que haja interlocução colaborativa com outra pessoa (ou outras pessoas).

A visão de Souza (1983) se complementa na interlocução com o trabalho de Bargas e Maia (2017), convergindo para a compreensão de como ocorrem, no cotidiano, as interações promotoras de novos aprendizados sociopolíticos, capazes de interpelar e modificar autopercepções e, conseqüentemente, autoidentificações dos sujeitos negros/negras

Nascimento (2018) enxergava e denunciava a existência de uma continuidade histórica entre os quilombos do passado e outras configurações sociais urbanas que aglutinam populações que se inserem nas dinâmicas das cidades em condição subalternizada, como acontece com as comunidades de São Gonçalo onde residem os escolares cuja autoidentificação étnico-racial estamos analisando. Pensamos que quando subsomem formas racistas de pensar e agir nos relacionamentos interpessoais às práticas de *bullying*, para além de uma “confusão conceitual” estão articulando mobilizações simbólicas que tentam ‘esconder’ ou minimizar a questão racial, reproduzindo assim uma nova versão do ‘mito da democracia racial’.

Cabe-nos ponderar sobre a responsabilidade sociopolítica da escola, tomando-a como lugar onde aprendemos a pensar sobre nós, sobre o outro e sobre as nossas relações interpessoais. Daí resulta o entendimento de que a escola é o lugar que nos estimula a “pensar certo” (FREIRE, 1996). É fundamental, nesse sentido, problematizar o currículo escolar em todas as suas dimensões, especialmente o fato de que não existe um currículo que se possa dizer neutro (GOMES, 2007).

As conclusões a que levam a análise do material de pesquisa apontam que a maior parte dos estudantes fenotipicamente negros não se identifica com esta categoria étnico-racial, e que a maior parcela deles nega a existência de racismo na escola, tratando como *bullying* discursos e práticas de claro teor discriminatório raciaalista. Argumenta-se que subsumir o racismo ao *bullying* é uma forma sutil de desviar o foco de atenção do enfrentamento da questão étnico-racial nas escolas, o que é prejudicial para o trabalho educativo e ético de combater o racismo. Quanto à questão da formação dos pertencimentos identitários étnico-raciais destes estudantes, adota-se uma perspectiva processualista, entendendo que é mais

adequado compreender tais identificações como construtos que se processam continuamente mediante um conjunto complexo de redes de pertencimento e significação social, cultural e política, o qual se elucida quando abordado como processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARGAS, Janine K.; MAIA, Rousiley C. Quilombolas no WhatsApp: o papel do aprendizado coletivo nas lutas por reconhecimento. **Comun. mídia consumo**, v. 14, n. 41, p. 31-52, set./dez. 2017.

BARTH, Fredrik. **Cosmologies in the making**. Museu etnográfico, Universidade de Oslo/Cambridge University Press, 1995.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo**: diversidade e currículo. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. São Paulo: USP, 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: Possibilidade nos dias de destruição. São Paulo: Filhos da África, 2018.

NOGUEIRA, Oraci. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo soc.** 19 (1), Jun. 2007.

SOUZA, Neusa. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.